

A CASA KAXARARI

Usos, técnicas e espaços de um saber construtivo indígena na Amazônia

Maiza Soares da Silva

Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR | maizasoaresau@gmail.com

Josué da Costa Silva

Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR | jcosta1709@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: Usos, Técnicas e Espaços

Resumo: A arquitetura vernacular/popular constitui um campo de investigação que revela, para além de soluções técnicas de abrigo, modos de vida, memórias e identidades coletivas. Nesse contexto, a casa indígena Kaxarari, povo habitante da região amazônica na fronteira dos estados Amazonas e Rondônia, configura-se como espaço de múltiplos sentidos, articulando dimensões construtivas, simbólicas e sociais. A pesquisa parte de uma perspectiva fenomenológica e da geografia da escuta para compreender a materialidade e a imaterialidade que se entrelaçam na habitação indígena. Do ponto de vista técnico, a casa Kaxarari é erguida a partir de materiais disponíveis no território — madeira, palha e cipós — que expressam não apenas uma adaptação ao meio, mas também uma forma de sustentabilidade ancorada em saberes ancestrais. Sua espacialidade, caracterizada pela circularidade e pela abertura à coletividade, reflete a organização social, os rituais e as práticas de convivência comunitária. Ao mesmo tempo, a casa não se restringe à função de abrigo: é território simbólico, lugar de memória e de transmissão intergeracional de conhecimentos. Nela se manifestam corporeidade, afetividade e espiritualidade, elementos que ultrapassam a leitura puramente técnica e permitem compreender a habitação como expressão cultural e política. Ao discutir usos, técnicas e espaços da casa Kaxarari, este trabalho busca evidenciar a relevância da arquitetura indígena no debate contemporâneo sobre patrimônio, identidade e sustentabilidade. Reconhecer a casa Kaxarari como patrimônio vivo é fundamental para ampliar o entendimento da arquitetura vernacular/popular brasileira e fortalecer os diálogos entre tradição e contemporaneidade.

Palavras-chave: Arquitetura Vernacular; Povos Indígenas; Kaxarari; Técnicas; Patrimônio.

THE KAXARARI HOUSE: USES, TECHNIQUES AND SPACES OF INDIGENOUS CONSTRUCTIVE KNOWLEDGE IN THE AMAZON

Abstract: Vernacular/popular architecture constitutes a field of research that reveals, beyond technical solutions for shelter, ways of life, memories, and collective identities. In this context, the indigenous Kaxarari house, from the people inhabiting the Amazon region on the border of the states of Amazonas and Rondônia, is configured as a space of multiple meanings, articulating constructive, symbolic, and social dimensions. The research is based on a phenomenological perspective and the geography of listening to understand the materiality and immateriality intertwined in the indigenous dwelling. From a technical point of view, the Kaxarari house is built

from materials available in the territory—wood, straw, and vines—which express not only an adaptation to the environment but also a form of sustainability anchored in ancestral knowledge. Its spatiality, characterized by circularity and openness to the community, reflects the social organization, rituals, and practices of community life. At the same time, the house is not restricted to the function of shelter: it is a symbolic territory, a place of memory, and of intergenerational transmission of knowledge. In it, corporeality, affectivity, and spirituality are manifested, elements that go beyond a purely technical reading and allow the dwelling to be understood as a cultural and political expression. By discussing the uses, techniques, and spaces of the Kaxarari house, this work seeks to highlight the relevance of indigenous architecture in the contemporary debate on heritage, identity, and sustainability. Recognizing the Kaxarari house as living heritage is fundamental to broadening the understanding of Brazilian vernacular/popular architecture and strengthening the dialogues between tradition and contemporaneity.

Keywords: Vernacular Architecture; Indigenous Peoples; Kaxarari; Techniques; Heritage.

LA CASA KAXARARI: USOS, TÉCNICAS Y ESPACIOS DEL SABER CONSTRUCTIVO INDÍGENA EM LA AMAZONÍA

Resumen: La arquitectura vernácula/popular constituye un campo de investigación que revela, más allá de soluciones técnicas de refugio, modos de vida, memorias e identidades colectivas. En este contexto, la casa indígena Kaxarari, del pueblo que habita la región amazónica en la frontera de los estados de Amazonas y Rondônia, se configura como un espacio de múltiples significados, articulando dimensiones constructivas, simbólicas y sociales. La investigación parte de una perspectiva fenomenológica y de la geografía de la escucha para comprender la materialidad y la inmaterialidad que se entrelazan en la vivienda indígena. Desde el punto de vista técnico, la casa Kaxarari se construye a partir de materiales disponibles en el territorio —madera, paja y lianas— que expresan no solo una adaptación al medio, sino también una forma de sostenibilidad anclada en saberes ancestrales. Su espacialidad, caracterizada por la circularidad y la apertura a la colectividad, refleja la organización social, los rituales y las prácticas de convivencia comunitaria. Al mismo tiempo, la casa no se restringe a la función de refugio: es un territorio simbólico, un lugar de memoria y de transmisión intergeneracional de conocimientos. En ella se manifiestan la corporeidad, la afectividad y la espiritualidad, elementos que superan la lectura puramente técnica y permiten comprender la vivienda como una expresión cultural y política. Al discutir los usos, las técnicas y los espacios de la casa Kaxarari, este trabajo busca evidenciar la relevancia de la arquitectura indígena en el debate contemporáneo sobre patrimonio, identidad y sostenibilidad. Reconocer la casa Kaxarari como patrimonio vivo es fundamental para ampliar el entendimiento de la arquitectura vernácula/popular brasileña y fortalecer los diálogos entre tradición y contemporaneidad.

Palabras clave: Arquitectura vernácula; Pueblos indígenas; Kaxarari; Técnicas; Patrimonio.

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura vernácula, como expresso por Rapoport (1980), resulta de padrões culturais compartilhados e não de escolhas individuais isoladas, composta por símbolos lexicais e não idiossincráticos. Isso significa que ela é influenciada por condições geográficas, climáticas e por aspectos culturais específicos. A manifestação, por consequência, ocorre de maneiras distintas nas sociedades, constituindo um campo de investigação fundamental para a compreensão das relações entre cultura, território e modos de vida. Nesse sentido, a arquitetura não pode ser compreendida apenas como resposta funcional às condições ambientais, mas como manifestação cultural situada, produzida coletivamente e transmitida entre gerações.

Este entendimento torna-se particularmente relevante no caso das arquiteturas indígenas, cujas formas resultam de um longo processo de adaptações e influências externas (Portocarrero, 2010). No contexto amazônico, as arquiteturas indígenas revelaram de maneira particularmente intensa essa articulação entre meio ambiente, organização social e cosmologias. Entre elas, a casa do povo Kaxarari, que se configura como um espaço de múltiplos sentidos, no qual se entrelaçam técnicas construtivas, formas de sociabilidade, memória coletiva e modos de habitar enraizados na relação com a floresta.

As transformações ao longo do tempo impactaram negativamente a identidade, a cultura e o modo de vida do povo indígena Kaxarari, que tem sua história marcada por luta e resistências desde o contato com o não-indígena. Com as reconfigurações territoriais que alteraram modos tradicionais de mobilidade e habitação, esse povo, que outrora nômade, passou por mudanças significativas que culminaram no desgaste cultural e na maneira de produção do espaço, já que esse processo resultou, consequentemente, na fixação de residências.

Diante desse cenário, interpretar a vivência do lugar se apresenta como um desafio metodológico, exigindo ultrapassar leituras estritamente morfológicas ou tecnicistas, e incorporar perspectivas capazes de apreender o espaço como experiência vivida. Por essa razão, para a realização deste trabalho, apoiamos-nos no método fenomenológico (Bachelard, 1958; Merleau Ponty, 2018), articulada à Geografia Humanista e à Geografia da Escuta (Dias, 2022) para compreender as relações estabelecidas no interior da comunidade, utilizando abordagens flexíveis e sensíveis às narrativas locais. Sob a ótica da Geografia, adotamos o lugar como categoria central de análise. Essa escolha teórico-metodológica parte do pressuposto de que lugar é um campo de significados, no qual os sujeitos tecem relações dinâmicas com a natureza.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral compreender a casa indígena Kaxarari como expressão das relações entre cultura, território e modos de habitar. Como objetivos específicos busca-se analisar as transformações nas tipologias arquitetônicas ao longo do tempo, investigar os significados simbólicos e sociais

associando à casa e aos espaços comunitários e compreender as tensões entre saberes construtivos tradicionais e influências externas na produção contemporânea do espaço.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, orientada pelos pressupostos da fenomenologia do habitar e da percepção em consonância com a Geografia Humanista. Inspirada na Geografia da Escuta (Dias, 2022), a pesquisa incorporou diálogos abertos com moradores, especialmente anciãos, buscando compreender memórias construtivas, transformações nas formas de habitar e significados atribuídos às casas e aos espaços comunitários.

Além do trabalho de campo, foram realizadas análises morfológicas das edificações, registros fotográficos, levantamentos de plantas e descrição de sistemas construtivos, buscando articular dimensões técnicas e simbólicas da arquitetura.

O trabalho de campo foi desenvolvido na Terra Indígena Kaxarari, situada na divisa entre os estados Rondônia e Amazonas, abrangendo visita a diferentes aldeias. Localizada na faixa territorial denominado Arco do Desmatamento¹, a T.I. Kaxarari os acessos às aldeias dessa terra se dão por ramais que ficam entre Vista Alegre do Abunã e Extrema, a aproximadamente 350km de Porto Velho, na BR 364.

4

3. ANÁLISE DO ESPAÇO CONSTRUÍDO

Para a compreensão dos espaços vividos na comunidade indígena Kaxarari, é preciso adentrar um território que passa por mudanças constantemente e onde o cenário muda a cada visita, devido ao avanço da agricultura. Questões climáticas têm se mostrado um grande desafio a ser encarado, pois, para além dos aspectos ambientais, esse problema tem moldado os modos de vida do povo de maneira abrupta, tanto em relação a saúde quanto à produção dos espaços. A influência do não indígena também se apresenta como um fator de conflito para seus modos de construir. Desde as intervenções da UHE Jirau, como produto de compensação, até a imposição da igreja sobre sua cultura. Isso é perceptível nos materiais utilizados, na forma de construir e, sobretudo, na forma como se usa o espaço.

Ao refletir sobre a arquitetura de comunidades indígenas, é fundamental compreender quem é esse povo, suas historicidades e os contextos que moldam seus modos de vida. Também é necessário reconhecer que a noção de “casa” não possui, para eles, o mesmo significado que assume nas concepções não indígenas, como expresso por LimaPayayá

¹ “Arco do desmatamento” é uma região no Brasil que abrange partes da Amazônia Legal, caracterizada por uma alta taxa de desmatamento e degradação ambiental (ISA, 2025).

(2023, p. 8), que afirma que a casa em um terreno com paredes é uma concepção urbana.

Tradicionalmente, a moradia Kaxarari estava profundamente vinculada à vida coletiva e à mobilidade territorial. Suas malocas circulares expressavam um modo de existir orientado por saberes ancestrais, pela convivência comunitária e pela relação viva com a floresta. Com o passar do tempo, especialmente após o contato, essas formas não foram abandonadas por escolha deliberada, mas transformadas por processos históricos que reconfiguraram suas condições de existência.

Antes do contato com os não indígenas, não havia fixação da casa como espaço privado, delimitado e permanente. O lar não se restringia a uma estrutura física, ele se expandia na floresta e se realizava no convívio coletivo, tornando desnecessária qualquer definição rígida de habitação. Com o contato, porém, esse modo de vida foi profundamente impactado. Ao perderem seus territórios e, posteriormente, retornarem a eles sob delimitações impostas pelo Estado Nacional, os Kaxarari foram compelidos a aprender a habitar um espaço fixo. Nesse contexto, a casa passou a ser concebida como uma unidade física estável, destinada a abrigar o cotidiano do grupo. Tal transformação tensiona princípios ancestrais baseados na coletividade, na circularidade e na fluidez das formas de habitar.

Esse processo, ainda em curso, manifesta-se nas narrativas dos moradores, que frequentemente expressam sentimentos de incompletude e uma busca constante por reconciliação entre os saberes herdados de seus ancestrais e as exigências estruturais impostas pelo mundo não indígena.

5

A arquitetura torna-se, desse modo, expressão concreta da luta por pertencimento. Os diferentes espaços construídos evidenciam, também, tensões entre lógicas distintas de produção de conhecimento e cuidado. A escola, embora materialmente instituída, nem sempre é reconhecida como o principal lugar de transmissão de saberes, pois essa função continua sendo desempenhada pela casa e pela mata, onde o aprendizado acontece pela oralidade, pelo fazer e pela convivência.

3.1 MORFOLOGIA DA CASA INDÍGENA KAXARARI

Para compreender de maneira aprofundada as tipologias arquitetônicas das aldeias, analisaremos, a princípio, a organização espacial dessas comunidades. A aldeia Marmelinho, localizada na região central da T.I., se organiza em um formato circular, com o espaço para eventos, festas e reuniões ao centro. Essa configuração remete às organizações das aldeias no alto Xingu, onde as habitações de famílias extensas são dispostas circularmente na periferia de uma praça central.

A morfologia das aldeias, de acordo com Costa e Malhano (1987), é classificada de acordo com a sua planta de situação e pode ser circular, retangular ou linear. Assim,

podemos definir a Aldeia Marmelinho como circular, que reflete a importância dos espaços cerimoniais e comunitários na vida cotidiana dessas pessoas. Esse também é o caso da Aldeia Bororo, por exemplo, no qual a ocupação territorial está diretamente relacionada com suas histórias e lendas. Essa compreensão de que a organização espacial da aldeia não reflete apenas o layout físico, mas sua cultura e identidade, é fundamental para uma abordagem mais profunda e respeitosa sobre esses espaços.

Figura 1: Planta baixa Casa de Apoio. Sem escala.



PLANTA BAIXA_CASA DE APOIO

Criada no AutoCad, 2025.

Fonte: os autores.

3.2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E ADAPTAÇÃO CONSTRUTIVA

Analisamos, a partir de diálogos com os mais velhos, que as casas tradicionais se diferenciavam das casas atuais. No entanto, acessar memórias do período pré-contato se torna um desafio, pois essas poderiam ter sido apagadas – ou distorcidas – pelos não indígenas nos períodos de recém contato e, também, demandaria compreender conhecimentos relativos ao imaginário indígena, que carregam significados distintos. Nesse contexto, a arquitetura, que se apresenta como espaço e tempo vividos, se faz uma lacuna a ser preenchida. Para poder interpretar esta lacuna interpretativa, foram realizadas algumas atividades de participação junto à comunidade.

Como resultado de um projeto de construção do Centro Cultural Kaxarari, que tem como objetivo principal construir um espaço que remonta a arquitetura tradicional do povo e que possa ser utilizado como ponto de acolhimento para eles, foram realizadas algumas ações participativas, como rodas de conversa, oficinas de desenho e questionários abertos. Em um diálogo sobre projeto arquitetônico com eles, nos propusemos a falar de quantidades e qualidades, além de apresentarmos conceitos que faziam referência a espaço e tempo. Após essa apresentação teórica, mediamos uma oficina de desenho, em que os participantes desenharam, sob sua perspectiva, como deveria ser o Centro Cultural. Ao final, foi possível identificar uma forma comum, que revelara que fazer o resgate da casa tradicional era uma opção possível para este trabalho.

Atualmente, apesar da manutenção de materiais e técnicas vernaculares utilizadas pelos moradores da comunidade, a arquitetura reproduzida muito se assemelha às casas comuns da arquitetura rural ou popular brasileira, com cobertura de duas águas, técnica de pau-a-pique e telha de fibrocimento. É possível, assim, notar um rompimento com as características tradicionais, a aculturação do não-indígena e a escassez de materiais na natureza.

As “Chomytsha” (casa de apoio na língua materna Kaxarari) atuais são feitas com estruturas de madeira bruta e madeira serrada. O capote (cobertura) é feito de palha de buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) ou babaçu (*Attalea speciosa*) por ser uma técnica que eles dominam. Contudo, a escassez desse material e a necessidade de manutenção recorrente, faz com que a palha seja substituída pela telha comum. Na maioria dos casos, a estrutura se repete: duas linhas de pilares laterais para apoio das peças do frechal e nas extremidades, um pilar central que serve de apoio à tesoura. A planta da edificação é livre, o que possibilita as celebrações da comunidade e o uso de cadeiras e mesas quando houver necessidade. Servindo de banco, ao redor de toda edificação, pranchas de madeiras são colocadas e apoiadas em troncos de até 50cm de altura (Figura 2).

Figura 2: Interior da Chomytsha. Bancos laterais ocupados por pesquisadores e moradores da comunidade



Foto tirada de celular. Aldeia Marmelinho, 2023.
Fonte: os autores.

Nas aldeias Barrinha e Buriti, as “chomytshas” não seguem o padrão de cobertura de palha, assemelhando-se ainda mais com as casas populares brasileiras, coberta com telha de fibrocimento. Contudo, geralmente usa-se um sistema de vedação de palha (Figura 3), técnica vernacular utilizada para amenizar incidência solar e altas temperaturas no ambiente.

Figura 3: Sistema de fechamento em palha na Casa de Apoio



Foto tirada de celular. Aldeia Barrinha, 2024.
Fonte: os autores.

8

Essa fusão de culturas expressas nas edificações, revela a crescente influência não indígena na arquitetura atrelada a busca pela preservação suas técnicas e modos de fazer. Quando questionamos os moradores sobre o uso de materiais não convencionais do povo, eles pontuam durabilidade como critério primordial para a escolha.

Ainda assim, esses materiais levantam uma questão a ser discutida na comunidade quando consideram as questões climáticas, que afetam diretamente o seu modo de produção do espaço. A preferência por materiais convencionais, como a telha de fibrocimento, não se dá apenas por influência externa, mas também por critérios pragmáticos relacionados à durabilidade, à facilidade de manutenção e à disponibilidade desses insumos. No entanto, essa substituição implica impactos diretos no desempenho térmico das edificações, uma vez que tais materiais tendem a intensificar a absorção de calor e reduzir o conforto ambiental interno, sobretudo em contextos amazônicos.

Em contraste, as coberturas tradicionais em palha apresentam melhor desempenho climático, favorecendo a ventilação e o equilíbrio térmico. Esse cenário evidencia uma tensão entre eficiência ambiental, saberes construtivos tradicionais e demandas contemporâneas, revelando que as escolhas arquitetônicas são atravessadas por condicionantes técnicos, econômicos e socioculturais.

Nas aldeias Kaxarari, a organização espacial transcende a mera funcionalidade, revelando profundas dimensões de sociabilidade e produção cultural. As cozinhas comunitárias, frequentemente localizadas próximas às Casas de Apoio, constituem-se como centros vitais de interação. Essas estruturas, caracterizadas por grandes aberturas, são erguidas com troncos de madeira fina e cobertura de palha, material escolhido não apenas por sua eficiência térmica, mas também por sua estética e frescor, conforme o saber local.

A centralidade da cozinha na vida comunitária Kaxarari ecoa as reflexões de Nego Bispo (2023) sobre a arquitetura quilombola. Em sua obra *A terra dá, a terra quer* (2023), Nego Bispo destaca a cozinha como espaço mais amplo e receptivo, o coração da comunidade onde se celebra comida como elemento agregador e onde quem cozinha coordena o momento festivo. Para ele, a casa é uma extensão do corpo, e a cozinha, um espaço sagrado de convivência e transmissão de saberes. Essa perspectiva se manifesta nas aldeias Kaxarari, onde a cozinha comunitária se torna palco de encontros e partilhas, como observado em momentos de confraternização. Aproximar essa perspectiva quilombola da perspectiva indígena é uma forma de considerar a designação da identidade étnica que está na base da formação histórico-cultural do Brasil (Gomes apud Gonzales, 2024).

A casa, em si, também apresenta uma extensão em sua estrutura. O “anexo” (Figura 4) funciona como dispositivo de delimitação de setores. O íntimo e o social são separados do mesmo modo que sagrado e comum. Assim, podemos analisar esses espaços setorizados a partir de uma organização espacial de repetição, onde o íntimo e o social se separam por forma, estilo e materiais.

Figura 4: Anexo em casas indígenas



Foto tirada de celular. Aldeia Marmelinho, 2025.
Fonte: os autores.

Um dos aspectos mais marcantes na vivência desses espaços diz respeito ao “não convite” a adentrar a casa. A negação ao espaço comunica, de forma delicada e amigável, que o interior da casa pertence ao domínio íntimo dos comuns àquele lugar. Essa sacralidade do interior deixa claro essa separação setorial.

O convívio acontece nos anexos – nas cozinhas –, construídos ao fundo da casa, preferencialmente cobertos por palha e abertos, com planta livre. São nesses espaços que o agora acontece, onde há a conversa, a comunhão, a refeição. Por mais semelhante às construções populares brasileiras que a casa seja, o anexo atua como resistência e marca da tradição, uma continuidade da maloca. Como pontua Silva (2025), é a permanência da arquitetura ancestral no presente.

A análise da casa Kaxarari, contribui para ampliar o campo de estudos da arquitetura vernacular brasileira ao evidenciar formas de racionalidade construtiva que não se orientam, exclusivamente, por critérios técnicos ou econômicos, mas por princípios relacionais entre ambiente, coletividade e cosmologia. Diferentemente de abordagens que tratam a arquitetura vernacular apenas como adaptação climática ou solução empírica de construção, a experiência Kaxarari revela que habitar implica produzir territorialidade, memória e sociabilidade de maneira integrada.

Nesse sentido, a arquitetura indígena amazônica não deve ser compreendida como expressão residual ou pré-moderna, mas como sistema ativo de conhecimento espacial, capaz de oferecer referências relevantes para debates contemporâneos sobre sustentabilidade, uso de recursos locais, flexibilidade espacial e construção coletiva do ambiente. Reconhecer essas arquiteturas como produtoras de teoria prática do habitar amplia o repertório epistemológico da arquitetura brasileira e desloca o olhar disciplinar para formas plurais de produção do espaço.

10

4. CONCLUSÃO

A investigação da casa indígena Kaxarari evidencia que a arquitetura vernacular ultrapassa a dimensão funcional do abrigo, configurando-se como expressão material e simbólica de modos de vida, sistemas de conhecimento e formas de organização social. Ao analisar técnicas construtivas, organização espacial e experiências vividas do habitar, tornou-se possível compreender a habitação como território relacional onde se articulam memória, corporeidade, afetividade e espiritualidade.

A abordagem fenomenológica e a escuta das narrativas locais permitiram revelar que a materialidade das casas – seus materiais, formas e arranjos espaciais – não pode ser dissociada das dimensões imateriais que estruturam a vida comunitária. A circularidade, a centralidade dos espaços coletivos, a presença de áreas de convivência

e a distinção entre domínios íntimos e sociais expressam princípios organizadores profundamente enraizados em saberes ancestrais.

Ao mesmo tempo, as transformações observadas nas tipologias habitacionais evidenciam processos históricos de adaptação e reconfiguração espacial decorrentes do contato interétnico, das mudanças territoriais e das novas condições materiais de existência. A arquitetura atual manifesta, assim, tensões entre continuidade e mudança, preservação e incorporação de elementos externos, revelando a dinâmica viva dos processos culturais.

Reconhecer a casa Kaxarari como patrimônio vivo implica compreender a arquitetura indígena como forma legítima de produção de conhecimento sobre o habitar, capaz de contribuir para os debates contemporâneos sobre sustentabilidade, identidade cultural e relação entre tradição e transformação. Ao evidenciar usos, técnicas e espacialidades dessa habitação, este estudo amplia o entendimento da arquitetura vernacular brasileira, reafirmando a necessidade de considerar as múltiplas racionalidades construtivas que compõem o território nacional.

Mais do que vestígio do passado, a casa Kaxarari permanece como forma ativa de existência, lugar de memória e estrutura de continuidade cultural, reafirmando que habitar é, antes de tudo, um modo de estar no mundo.

5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, o grande *Tsurá*², que nos oportunizou esta experiência. Ao povo Kaxarari, pela acolhida generosa e pela partilha de saberes, fundamentais para a construção desse trabalho que é, sobretudo, um caminho de escuta e aprendizado. À CAPES, pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa à pesquisadora. À FAPERÓ, pelo financiamento dos trabalhos de campo no âmbito do projeto *Viver Kaxarari*³. Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vida e Culturas Amazônicas – GepCultura, pelo suporte acadêmico e pelas trocas que contribuíram para a realização desta pesquisa. Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GepGênero, pela parceria, apoio e diálogo ao longo deste percurso. Por fim, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, por acolher pesquisadores comprometidos com a construção de uma ciência que dialoga com os povos tradicionais e originários, legitimando seus saberes e promovendo uma perspectiva transdisciplinar.

² Tsurá – termo na língua Kaxarari que não possui tradução direta para o português, sendo compreendido, de forma aproximada, como uma entidade equivalente à ideia de Deus.

³ O projeto *VIVER KAXARARI: TERRITORIALIDADES CULTURAIS E DE GÊNERO NA RELAÇÃO COM A NATUREZA: imaginando mundos e construindo o bem viver*, tem como objetivo analisar a construção socioespacial e identitária do povo Kaxarari, com foco nas estratégias de preservação de suas referências culturais.

8. REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado-Tijuca Ltda, 1958.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- COSTA, Maria Heloísa Fénelon; MALHANO, Hamilton Botelho. **Habitação indígena brasileira**. In: RIBEIRO, Darcy (org.). Suma etnológica brasileira. v. 2: Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes; FINEP, 1986. p. 27–94. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/suma%3Avol2p027-094/Suma_Vol2_p_027-094.pdf. Acesso em: 22 fev. 2026.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: onde a psicanálise e a geografia se encontram**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.
- LIMA-PAYAYÁ, J. da S. **Yby:: sentido radical de casa**. Kalágatos, [S. l.], v. 20, n. 2, p. eK23026, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10837>. Acesso em: nov. 2023.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- PORTOCARRERO, José Afonso Botura. **Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.
- SILVA, Fredson Antônio Souza da. **Arte, literatura e lugar sob a perspectiva indígena**. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022. Disponível em: https://ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/4870/1/Arte_literatura_e_Lugar_sob_a_perspectiva_ind%3adgena.pdf. Acesso em: nov. 2023.
- SILVA, Maiza Soares da; LEITE, Geane Ferreira. **Territorialidades Kaxarari e suas construções identitárias**. Culturas & Fronteiras, v. 1, n. 1, 30 dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/culturaefronteiras/article/view/7779>. Acesso em: jan. 2024.
- SILVA, M. A. S. da; GIL FILHO, S. F. **Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais / On the concept of vivid space: reflecting the spatialities from emotional experiences**. Geograficidade, Niterói, v. 10, n. especial, p. 153–168, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a38377>. Acesso em: abril 2023.